

Uma Escrita Tática:

notas sobre os perfis biográficos produzidos por J. Miguel de Matos

Gislane Cristiane Machado Tôrres¹

Resumo: O texto tem como objetivo refletir sobre a prática escriturística do literato José Miguel de Matos, explorando, em especial, a escrita de perfis biográficos divulgados em antologias, revistas e artigos de jornais. A escrita é tomada como fonte importante, pois por meio dela o escritor atribui sentido às experiências vivenciadas e constrói em torno de si uma rede de sociabilidade importante para o entendimento de seu processo de inserção no cenário cultural piauiense entre os anos 1960 e 1980. Num esforço de historicização de sua prática biográfica, refletimos sobre o lugar ocupado pela produção biográfica entre seus pares a fim de mensurar como a recepção a esses textos impactou no seu objetivo de ingressar na Academia Piauiense de Letras. Percebemos que a produção de perfis biográficos efetivada por este escritor atendia a variadas finalidades seja ao evidenciar o esforço de erudição por ele empreendido, forjar redes de sociabilidades e, sobretudo, construir imagem legitimada de si como romancista, poeta, jornalista e biógrafo. O esforço teórico articula reflexões sobre biografia e memória às discussões sobre escrita, lugar, prática, estratégia e tática apresentadas nas obras de Michel de Certeau.

Palavras-chave: Escrita. Biografias. Táticas. Erudição. Sociabilidades.

Resume: The article aims to reflect the scriptural practice of the literate José Miguel de Matos, exploring, in particular, the writing of biographical profiles published in anthologies, magazines and newspaper articles. The writing is taken as an important source because through it, the writer attributes meaning to the lived experiences and builds around him an important social network for the understanding of his insertion process in the Piauí cultural scenario between the 1960s and 1980s. In an effort to historicize his biographical practice, we reflect on the place occupied by the biographical production among his co-workers in order to measure how the reception to these texts impacted his goal of joining the Piauiense Academy of Letters. We realize that the production of biographical profiles carried out by this writer served various purposes, by highlighting the erudition effort he undertook, forging networks of sociability and, above all, build a legitimate image of himself as a novelist, poet, journalist and biographer. The theoretical effort articulates reflections with relevance to biography and memory with the discussions about writing, place, practice, strategy and tactics presented in Michel de Certeau's works.

Keywords: Writing. Biographies. Tactics. Erudition. Sociabilities.

A Tactical Writing

notes on biographical profiles produced by J. Miguel de Matos

¹ Doutoranda em História na Universidade Federal de Goiás. Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Professora de História no Instituto Federal do Piauí – campus Teresina Zona Sul. Email: gislanetorres@yahoo.com.br

“Todo aquele que se lança à aventura de escrever sobre sua vida ou sobre a vida dos outros, está sempre imbuído de um forte propósito” (MATOS, 1980, p. 115). Esta frase apresenta um posicionamento do literato piauiense J. Miguel de Matos² acerca da escrita biográfica, prática a qual dedicou-se ao longo de sua vida. Membro da Academia Piauiense de Letras³, J. Miguel de Matos fez uso da escrita em romances, contos, revistas, colunas de jornais, discursos acadêmicos e antologias em que apresentava nomes importantes da literatura piauiense e nacional. Os diversos usos da prática escriturística, sobretudo na construção de perfis biográficos, são o objeto de análise desse texto em que refletimos sobre o indivíduo J. Miguel de Matos a partir dos usos e sentidos produzidos por sua escrita, seja significando o mundo ao seu redor, seja produzindo uma rede de sociabilidades pautadas na vivência cultural piauiense dos entre os anos 1960 e 1980, período em que se concentram seus principais escritos.

J. Miguel de Matos tem uma trajetória pessoal em que a escrita ganha centralidade. O fascínio pelo mundo das letras, iniciado na infância, é reiterado ao longo de seus textos. O ingresso no Exército no início da década de 1940 forçou o abandono da escola formal sem a conclusão do ensino secundário, contudo, a prática da leitura e escrita permanece como constante, perceptível em seus textos pelo vocabulário utilizado e referências a autores clássicos. Em 1953, publica em Fortaleza a novela *Brás de Santinha*, sua única incursão ficcional. Ao aposentar-se no Exército, o autor retorna a Teresina e inicia a colaboração, como articulista, em jornais da capital. Em paralelo, editou as revistas *Mafrense* e *Destaque*, participou de agremiações culturais como Movimento de Renovação Cultural (MRC) e Círculo Literário Piauiense (CLIP) e em instituições como Instituto Histórico Geográfico do Piauí (IHG-PI) e União Brasileira de Escritores – Secção Piauí (UBE-PI).

² Literato, jornalista, antologista e biógrafo José Miguel de Matos nasceu em Floriano em 1923 e faleceu em Teresina em 2000. Estreou na vida literária com *Brás de Santinha* em 1953 e deixou sem publicação *Da Rua do Molambo à Academia Piauiense de Letras* em que anunciava narrativas sobre sua trajetória de vida, do nascimento até sua eleição para Casa de Lucídio Freitas. Atuou em diversos movimentos e instituições culturais como Movimento de Renovação Cultural, Círculo Literário Piauiense, Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, Academia Piauiense de Letras e União Brasileira dos Escritores – Secção Piauí.

³ Fundada em 30 de dezembro de 1917 pela iniciativa dos intelectuais, Higinio Cunha, Clodoaldo Freitas, Lucídio Freitas, João Pinheiro, Edison Cunha, Jônatas Batista, Celso Pinheiro, Antônio Chaves, Benedito Aurélio de Freitas e Fenelon Castelo Branco, a Academia Piauiense de Letras ou Casa de Lucídio Freitas, é referência no cenário cultural piauiense por ser a instituição literária mais antiga ainda em atividade e por reunir em seus quadros representantes de várias áreas de atuação cultural. Por meio da lei 1002 de 04 de julho de 1921, o Poder Executivo reconheceu a Casa de Lucídio Freitas como instituição de utilidade pública. Atualmente, a Academia Piauiense de Letras possui 40 sócios efetivos.

O fim da vida de caserna possibilitou a J. Miguel de Matos dedicar-se ao estudo da literatura piauiense e, entre os anos 1960 e 1980 publicou livros de síntese literária, antologias e perfis biográficos. O gradativo reconhecimento de sua qualidade escriturística fomentou no escritor o desejo de participar da Academia Piauiense de Letras, para a qual candidatou-se nos anos de 1967, 1971 e 1973, quando foi eleito. As candidaturas frustradas e sua posterior eleição repercutem em suas obras, ora em postura crítica às práticas e critérios adotados pelos acadêmicos, ora significando (ou ressignificando) sua trajetória pessoal tomando como referência sua consagração como escritor imortal. A escrita em J. Miguel de Matos obedece a variados usos: é ela que o habilita a Academia Piauiense de Letras, é por meio desta que o escritor constrói sentidos sobre suas experiências e constrói um espaço de diálogo entre seu produtor e os agentes culturais de sua época.

Embora caracterize-se como atividade individual, a escrita de J. Miguel de Matos reflete os conhecimentos acumulados, suas ambições e posicionamentos tendo em vista os jogos de poder que permeiam a dinâmica cultural. Tomar a escrita biográfica desse sujeito como vestígio para as práticas de um homem letrado significa compreendê-la em multiplicidade porém, não como fonte do real ou depositária da verdade sobre os fatos e sujeitos apresentados, mas como uma representação, um esforço desse indivíduo em dar sentido às suas experiências cotidianas, inserindo-as no complexo das relações políticas, econômicas e sociais que vivenciou. Analisar os escritos de J. Miguel de Matos como representações significa entender que estes estão “colocados num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (CHARTIER, 1987, p. 18).

Neste texto, analisamos a prática escriturística de J. Miguel de Matos presente nas obras em que, especificamente, utilizou-se da abordagem biográfica, a saber *Caminheiros de Sensibilidade* e *Antologia Poética Piauiense* (dedicadas à apresentação da produção poética piauiense), *Perfis* (destinada à apresentação de figuras relevantes para o cenário cultural), *Mosaico* e *Garimpagem* (coletâneas de textos publicados na imprensa local), *Da Costa e Silva, o poeta da saudade*, *Evocação de Abdias Neves e Lima Rebelo, o homem e a substância* (textos biográficos escritos em colaboração com A. Tito Filho) e seu discurso de posse na Academia Piauiense de Letras, no qual por rito protocolar o novo acadêmico evoca a memória do patrono e ocupantes anteriores da cadeira número cinco. A biografia será discutida enquanto gênero e prática em sua historicidade.

Enquanto prática escriturística, textos biográficos surgem no contexto da Antiguidade Clássica destinados à narrativa sobre os êxitos de indivíduos que se destacam no todo social. No medievo, popularizam-se biografias sobre santos e figuras ligadas ao imaginário cristão, as hagiografias, narrativas apologéticas que, a despeito de falar sobre os indivíduos, exaltam a ação divina em suas trajetórias. A consolidação da modernidade possibilitou a emergência de nova concepção de indivíduo, compreendido como parte de uma comunidade porém não reduzido a esta, sendo dotado de razão e interesses específicos. Nesse período popularizam-se as biografias que narram experiências consideradas excepcionais, eventos capazes de individualizar quem os pratica. Tais narrativas pautadas na individualidade e excepcionalidade, onde em torno de um nome próprio e da linearidade da narrativa constrói-se uma identidade pautada na coerência e continuidade caracterizam-se o que Pierre Bourdieu (2000) denomina de “ilusão biográfica”.

O estatuto do gênero biográfico enquanto fonte para a historiografia tem historicidade própria. Inicialmente relegada pelo caráter elogioso e ficcional dos relatos, a biografia é redimensionada no contexto da Escola dos Annales, no interior da qual consolida-se a cientificidade da disciplina histórica a partir de práticas metodológicas que articulam novas concepções de fonte, tempo e relações sociais. Os questionamentos em torno da prática biográfica perpassam o polimorfismo de seus usos pela historiografia, literatura e antropologia sendo ora valorizada em suas potencialidades, ora relegada em virtude de suas limitações. Em paralelo à crescente individualização dos sujeitos a reformulação da biografia no contexto dos Annales, tomando como exemplo a obra de Lucien Febvre, é assim apresentada por Durval Muniz:

Mas são justamente estas obras que permitem perceber a mudança nas regras de produção do discurso historiográfico que esse grupo de historiadores pretende realizar. [...] Em vez de um discurso de construção de dados personagens individuais, que se pauta pelo modelo das narrativas biográficas, o que temos agora é o que poderíamos chamar de um discurso que dissolve a singularidade biográfica, um discurso de desconstrução da biografia [...] Embora não deixe de reconhecer que, sob tais nomes, esteve uma pessoa que se destacou por sua diferença em seu tempo, ele desloca essa diferença do campo de uma particularidade individual para o campo das possibilidades sociais. A *démarche* agora distinta, não se parte da sociedade para nela encontrar e demarcar a trajetória individual diferenciada, mas pelo contrário, parte-se desse nome individual, desse personagem para, à medida que o coloca num contexto social que o explica e o possibilita, ir dissolvendo paulatinamente sua dessemelhança, tornando-o uma possibilidade inscrita na vida social (MUNIZ, 2012, p. 23-24)

A produção e/ou análise de biografias pelos historiadores evidenciam as mudanças no campo historiográfico, pois o indivíduo anteriormente exaltado passa a ser entendido como membro de uma comunidade, sendo articulado ao seu contexto. Consideradas como trajetórias representativas ou estudos de caso, a abordagem dos Annales, embora reconheça o lugar o indivíduo acaba por limitá-lo à sociedade deixando pouco espaço para o “excepcional”, os conflitos, as resistências e negociações no interior das estruturas sociais. Somente a partir dos anos 1960, com as críticas aos formalismos, novas abordagens, temáticas e sujeitos são inseridos no campo historiográfico impactando nas discussões sobre o fazer biográfico. Apesar das mudanças, ainda se faz presente a “ilusão biográfica” que restringe os eventos de uma vida a uma representação linear da identidade dos sujeitos.

Pierre Bourdieu ao referir-se às abordagens biográficas recorrentes no contexto da Nova História classifica-as no entrecruzamento de prosopografia ou história modal, biografia e contexto, biografia e casos extremos, biografia e hermenêutica, destacando suas potencialidades e limitações (BOURDIEU, 2000, p. 167-182). A partir dessa classificação podemos inferir algumas formas de uso das biografias, por exemplo, a biografia sendo utilizada como reflexo da experiência social (reduzível ou não a esta), a narrativa biográfica como instrumento de acesso às estruturas sociais e a permanência da ilusão biográfica que atribui falsa objetividade e linearidade à experiência individual. Tendo seu uso gradativamente ampliado por historiadores como objeto de reflexão ou como opção metodológica cabe ao historiador considerar as possibilidades da biografia, sobretudo em suas relações com a escrita e a memória, suas motivações e o lugar social ocupado por biógrafo e biografado, pois

Mais do que fazer “revelações bombásticas” ou trazer à tona facetas desconhecidas do seu personagem, o biógrafo deve sugerir respostas para as questões como o funcionamento concreto de determinados mecanismos sociais e sistemas normativos, a pluralidade existente por detrás de grupos e instituições tradicionalmente vistos como homogêneos, a construção discursiva e não discursiva dos indivíduos, as margens de liberdade disponíveis às pessoas em diferentes épocas, entre outras (AVELAR, 2012, p. 77)

As reflexões tecidas sobre a prática biográfica se fazem necessárias posto que este texto corresponde a incursão sobre uma das facetas do indivíduo J. Miguel de Matos. Esse texto parte do olhar de uma historiadora do presente sobre a construção de biografias por um não-historiador produzidos entre os anos 1960 e 1980 a fim de compreender como se

processaram as motivações de sua elaboração, a seleção dos indivíduos a serem biografados e o teor das informações apresentadas.

J. Miguel de Matos inicia sua atividade como biógrafo em 1966 com o livro *Caminheiros da Sensibilidade: antologia poética*, na qual seleciona e apresenta informações sobre poetas apontados como significativos, acompanhadas de algumas poesias e pequeno comentário elogioso sobre seu produtor. Nos anos seguintes, o escritor deu continuidade a essa prática em artigos de jornais, publicando pequenos perfis a pretexto de homenagem a aniversariantes, necrológicos, lançamentos de obras, indicações do biografado a cargos públicos ou retribuição a elogios feitos a si. O reconhecimento dessa atividade foi expresso pelo autor em relatos como o exposto a seguir:

No Piauí – e falo da cátedra – há uma turminha que só aplaude livros rigidamente dentro do seu sabor literário. De um colega da Academia, recebi esta severa recomendação: “Largue esse negócio de biografia... Escreva ficção...”, esquecido ele que eu comecei minha vida de escritor fazendo obra inventiva, através da novela “Brás da Santinha”, que teve duas edições (MATOS, 1980, p. 134)

O fragmento expressa o reconhecimento social de sua prática como biógrafo e deixa entrever uma crítica recíproca entre o escritor e o colega não identificado. O conselho para enveredar em outras modalidades de escrita pode expressar entre outros fatores, o estatuto inferior atribuído à escrita biográfica e, sobretudo à praticada por J. Miguel de Matos, excessivamente elogiosa e sem esforço criativo (crítica que, à época, permeia as produções no campo historiográfico e literário). Por outro lado, J. Miguel de Matos relembra seu interlocutor sobre obras por ele escritas, assumindo um posicionamento constante em seus embates com os acadêmicos: o de lembrar aos seus confrades suas qualidades literárias, possivelmente em decorrência dos ressentimentos oriundos dos contextos de suas candidaturas frustradas.

A escrita biográfica pavimentou o caminho de J. Miguel de Matos à Academia Piauiense de Letras. Os comentários à trajetória histórica da instituição e os elogios tecidos a alguns de seus membros articulam-se ao objetivo do sodalício, a saber, zelar pela qualidade literária e pela memória dos imortais. Contudo, as derrotas nas eleições de 1967 e 1971 fazem da escrita de J. Miguel de Matos um instrumento de questionamento sobre as práticas de acadêmicos vivos, tensionada pelo desejo de participação e pela crítica a comportamentos acadêmicos. Sua escrita assume uma postura tática, categoria utilizada por Michel de Certeau ao referir-se às práticas que “segundo critérios próprios, selecionam fragmentos tomados nos

vastos da produção, para a partir deles compor histórias originais” (CERTEAU, 1994, p. 99). Embora haja certa dificuldade em datar alguns de seus textos, seu ingresso na instituição em 1973, pode ser percebido no interior de seus escritos como marco referencial. A partir desse momento o escritor harmoniza de maneira astuciosa os discursos de crítica enunciados anteriormente ao novo papel social, distinto e legitimado ao qual foi inserido.

O esforço de erudição efetivado por J. Miguel de Matos antes de seu ingresso na Academia Piauiense de Letras revela o interesse do escritor em demonstrar suas qualidades escriturísticas ao tempo que forja em torno de si uma rede de correspondências, na qual indivíduos com interesses semelhantes vivenciam sociabilidades expressas em rituais simbólicos, adesões e exclusões. A rede de diálogos que J. Miguel de Matos tenta construir é perceptível nas dedicatórias, agradecimentos, comentários, prefácios e no teor dos comentários elaborados em seus textos. Exemplo dessa prática está no prefácio de *Caminheiros da Sensibilidade* escrito pelo já acadêmico imortal Martins Vieira que assim se posiciona sobre a obra:

CAMINHEIRO DA SENSIBILIDADE é obra de alto merecimento intelectual, testemunhando, ao primeiro desejo crítico de quem a manuseia, o amadurecimento de seu autor, com excelentes credenciais para ser acolhida nas bibliotecas e nas escolas primárias, secundárias e superiores, em razão da expressão biográfica, mesmo em síntese que servirá de bússola àqueles que deitarem os olhos ávidos de beleza e sentimento sobre suas páginas, que são sendas de luz (MATOS, 1966, p. 14)

O tom elogioso, característico dos prefácios, enaltece o aspecto didático de *Caminheiros da Sensibilidade* sem deixar de considerar seu caráter sintético. Ao tempo em que qualifica a escrita de J. Miguel de Matos, o prefácio é indicativo da sociabilidade entre esses sujeitos, expressas em suas escritas que reiteram, de maneira recíproca, suas qualidades literárias. A rede de sociabilidade constituída por esses indivíduos pode ser observada no comentário de J. Miguel de Matos por ocasião do lançamento de *Canto da Terra Mártire* de autoria de Martins Vieira

Nascendo e vivendo no Piauí, sem que o Brasil tomasse conhecimento da sua existência e da sua poderosa obra poética, MARTINS VIEIRA, como outros nomes potentes da literatura piauiense, não teve chance de participar, mesmo distante, dos movimentos culturais do Brasil, como um sol que sucumbisse anônimo apesar de tanta luz, antes de saltar da linha flexuosa do horizonte para incendiar o mundo. Assim mesmo, publicando agora – tantos anos depois de escrito – o seu “CANTO DA TERRA MÁRTIRE”- em que mostra “profundo respeito à correção da linguagem e à propriedade estilística”, nivela-se ombro a ombro com os que, renovando o romance

brasileiro a partir de 1928 com José Américo de Almeida (“A Bagaceira”), “reagiram contra a literatura individualista e subjetiva”, na perseguição do “objetivismo realista, o documentário humano” que o bardo piauiense, em versos que sangram lágrimas e porejam sangue, é o primeiro e o maior representante do Piauí (MATOS, 1980, p. 29-30)

O fragmento inicialmente publicado em jornal, além de informar aos leitores sobre o lançamento de obras, pode ser entendido como parte de um esforço maior do autor que, ao elaborar textos de crítica literária elogiosa, traçar perfis biográficos e participar de agremiações culturais tem por objetivo delinear seu lugar social, estabelecendo ligações e oposições. A construção de uma memória de práticas de solidariedade entre indivíduos com interesses e hábitos comuns possibilita, segundo Michel Pollack (1992), o forjar de uma identidade pautada na coesão social.

A produção biográfica de J. Miguel de Matos também deixa transparecer elementos importantes para a construção de uma imagem de si. Na obra *Perfis*, publicada em 1974, J. Miguel de Matos traça esboços biográficos de figuras ligadas ao campo literário sejam eles escritores reconhecidos, a exemplo de Machado de Assis, políticos eminentes, como o governador Alberto Silva, ou escritores que, em sua opinião, compartilham da falta de incentivos para publicar suas obras, a exemplo de Cristina Leite. A produção de inúmeras dedicatórias, precedidas por dedicatórias especiais ao presidente da República, ao governador e vice-governador do Estado, aponta os indivíduos que, em sua opinião, contribuem para o desenvolvimento cultural e econômico do Piauí.

As dedicatórias acrescidas de pomposos elogios contemplam entre outros indivíduos: Armando Madeira Basto, coordenador da Assessoria de Comunicação do Governo, A. Tito Filho, presidente da Academia Piauiense de Letras, Júlio Lopes Lima, presidente do Banco do Estado do Piauí S.A, coronel Tupy Caldas, comandante geral da Polícia Militar do Piauí, major Joel da Silva Ribeiro, prefeito de Teresina, Valter Alencar, diretor da TV Rádio Clube, jornalista Helder Feitosa, diretor do jornal *O Estado*, Raimundo Barbosa Marques, antigo colega de Liceu e Raimundo Wall Ferraz, Secretário de Educação e Cultura do Piauí. Assim como as dedicatórias, o corpo do texto indica o reconhecimento das ações desses indivíduos e expressa o desejo de associar sua imagem a destes sujeitos.

Pierre Bourdieu ao analisar práticas de coesão entre indivíduos de um mesmo grupo ou entre indivíduos com práticas e comportamentos em comum, elabora a noção de poder simbólico, definido como a habilidade de “poder constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre

o mundo, portanto o mundo” (BOURDIEU, 2002, p. 14). Ao ser forjado e aceito por um grupo de indivíduos o poder simbólico constitui um habitus que os integra, garante sentimentos de pertencimento e distinção social (BOURDIEU, 2011). Nessa perspectiva, as redes de comunicação instituídas por J. Miguel de Matos e seus contemporâneos ao passo que os diferencia da população, em sua maioria semialfabetizada, forja espaços literários e comportamentos recíprocos entre a intelectualidade, os agentes culturais e o poder público piauiense.

Em algumas passagens de *Perfis*, J. Miguel de Matos afirma que seu objetivo é propor uma avaliação crítica da obra dos indivíduos selecionados, contudo, em sua maioria, os textos são utilizados como retribuição aos votos recebidos nas candidaturas empreendidas, como crítica àqueles que lhe negaram votos, bem como pedidos de desculpas àqueles com quem havia se desentendido. O escritor aparenta ter clareza do poder de sua escrita e dos efeitos dos elogios enunciados pois em um cenário cultural carente de incentivos e público leitor amplo, tais comentários em livros e jornais tem o poder de legitimar práticas e posturas dos agentes culturais, promovendo por meio da escrita a identificação entre escritores e instituições.

As informações biográficas são entremeadas por informações sobre o contexto cultural da época, apontando os posicionamentos do escritor diante de certas práticas. A biografia de Arimathéa Tito Filho, presidente da Academia Piauiense de Letras é significativa de como J. Miguel de Matos harmoniza elogios e críticas sutis àquele que está à frente da instituição ao qual deseja ingressar

na literatura piauiense A. Tito Filho tem sido uma espécie de guia, prefaciando uma quantidade incontável de obras, conduta que apresenta duas faces positivas para os incipientes: encoraja-os a enfrentar o bicho-papão da crítica especializada ou pública e incentiva-os, nos seus primeiros passos nos meandros das Letras, cometendo apenas o pecado – segundo me parece – de se exceder em louvores, com graves prejuízos para a maioria, que se envaidece e, por isso mesmo, já pensando que está consagrado diante da valiosa opinião de um Mestre como ele, reduzindo, por isso mesmo, a produção literária ou encostando, de uma vez, a pena ou deixando empoeirar a máquina de escrever. Esse comportamento que é nato da bondade nazarena de A. Tito Filho, às vezes gera ingratidões, como uma que assistimos há pouco tempo, de um poeta camoneano que, com alguns livros fracos publicados, com o mérito apenas do sentimento poético que nele é seivoso, armou-se do direito de criticá-lo sem a prudência de ver nele, antes de mais nada, o seu antigo pai espiritual ou, pelo menos, para ser grato ao favor recebido, o generoso caminheiro que achou na estrada, que lhe estirou a mão e lhe deu, sem cobrar ou esperar a fome de luz que carregava na cabeça sonhadora. Há de se ressaltar, todavia, um outro aspecto da personalidade de A. Tito Filho, muito similar com a conduta do autor desta obra há muito reclamada pelo Piauí: a sua virulência na reação aos que lhe atiram pedras,

devolvendo às vezes dez em que lhe joga apenas uma ou duas, jamais partindo de sua funda de David o primeiro petardo, ou o primeiro disparo do seu arcabuz (MATOS, 1974, p. 193-194)

Ao passo que aproxima sua personalidade combativa com a do presidente da Academia Piauiense de Letras, J. Miguel de Matos inventa uma tradição literária que será efetivada quando de sua eleição para o sodalício. Contudo, J. Miguel de Matos não deixa de apontar os efeitos negativos das críticas literárias enunciadas por A. Tito Filho, que segundo o autor, enaltece os que não possuem qualidades literárias e dificulta o reconhecimento dos indivíduos com talento. Sendo um posicionamento institucionalizado, os discursos de A. Tito Filho influenciam, potencialmente, o acesso às políticas editoriais desenvolvidas pelo poder público, haja vista a frequente participação da Academia Piauiense de Letras em comissões julgadoras. Além disso, J. Miguel de Matos acredita que os posicionamentos do presidente do sodalício influenciam no processo de escolha dos novos membros mantendo um *status quo* em a tradição familiar e a posse do canudo, pergaminho, anel e toga pesam mais que as qualidades literárias.

O fragmento deixa entrever que a produção de perfis biográficos é um artifício tático adotado por J. Miguel de Matos a fim de expor seus posicionamentos sobre temas como o papel da crítica literária, as dificuldades de edição e consumo de produtos culturais. O livro *Perfis* apresenta ainda bastidores de suas campanhas para a Academia Piauiense de Letras, com narrativas sobre as visitas feitas aos acadêmicos em busca de votos. Os apoios recebidos e as práticas vacilantes de alguns acadêmicos são tomados com o pretexto de narrar eventos biográficos e apresentar a produção escrita dos perfis selecionados. O perfil biográfico de D. Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Teresina é significativo dos usos da escrita efetivados por J. Miguel de Matos. Após destacar a trajetória familiar e elogiar a formação educacional do biografado, narra seu encontro com o religioso

A escritora Lilizinha Carvalho, minha madrinha na colheita dos votos, usando da intimidade acadêmica, não teve rodeios, levando, de imediato, com um amplo sorriso no rosto, o motivo de sua inesperada visita ao Pastor-acadêmico. – Dom AVELAR, venho pedir seu voto para o escritor J. Miguel de Matos, para a cadeira 17, da nossa Academia... Abrindo mais o seu sorriso, para oferecer maior intimidade aos visitantes, e olhando fixamente dentro dos olhos de sua interlocutora, o acadêmico AVELAR BRANDÃO VILELA, sem nenhuma reflexão que pudesse modificar sua decisão, afirmou seu voto no meu nome, embora lembrando, por uma hábil conveniência que esfriou subitamente minhas esperanças, que minha oponente já havia passado por ali, com a mesma finalidade, parecendo querer dividir comigo a responsabilidade de sua preferência. Compreendendo minha repentina

desilusão, por ter chegado tarde ao Palácio Episcopal, a escritora Lilizinha Carvalho que também se mostrava meio arrefecida, num rápido cruzamento de olhar, tentou reacender, apoiada por um gesto de cabeça da poetisa Isabel Vilhena, a minha esperança de repente ameaçada de falência, como quem tenta acender uma vela, inesperadamente apagada, por um jato violento de vento: - Coragem, Miguel! O homem vai votar em você... no dia da eleição (1º escrutínio), omitiu-se habilmente de votar em qualquer um dos candidatos, preferindo, prudente e sabiamente, que o Pastor decidisse em lugar do Acadêmico, permitindo que os derrotados, com o mesmo respeito e a mesma admiração, voltassem a beijar, reverentemente, a pedra do seu anel (MATOS, 1974, p. 73)

O relato do escritor, permeado de ironia revela o tom de seu discurso e a natureza de sua prática escriturística: estabelecer uma relação entre biógrafo e biografado, a fim de evidenciar como suas trajetórias se entrelaçam. Ainda sobre suas candidaturas, assim se refere ao voto do historiador Odilon Nunes:

deixei a casa do acadêmico Odilon Nunes inteiramente desiludido do seu apoio à minha candidatura, recebendo no dia da eleição a surpresa que estava fora das minhas mais longínquas cogitações: ele votou no meu nome, num gesto que me pareceu mais bondade do que de consciência. Para mim, marinheiro de primeira viagem na acidentada viagem da imortalidade, foi muita válida a conduta do acadêmico Odilon Nunes que, sem nada prometer, dá o apoio no dia da decisão, inversamente a outros que garantem o voto e dão-no, sem a menor sencermônia, comprometendo a austeridade de senescência, a outro pretendente, mesmo que isso, pela volúpia do espírito, não possa ser tachado de traição ou injustiça, como vaticinam alguns, inteiramente ignorantes de que, nas academias onde se supõe um ambiente repousante para uma vida intelectual menos intensa, otium cum dignitate – aí onde se imagina um lago azul sem névoas nem espumas, dormem, não raras vezes, abismos dissimulados (MATOS, 1974, p. 232-233)

Apesar da candidatura frustrada, o fragmento expressa surpresa e gratidão ao voto confiado. Percebe-se ainda como o texto extrapola a narrativa biográfica e como o escritor utiliza-se dessa oportunidade para tecer comentários sobre as práticas acadêmicas. Ainda em *Perfis*, J. Miguel de Matos, traça perfis biográficos de duas trajetórias, os escritores Lilizinha Castelo Branco e Josias Carneiro. Em relação a estes, sua escrita assume tom elogioso e o corpo da narrativa evidencia suas motivações ao afirmar:

O autor desta obra, que já recebeu da escritora LILIZINHA CARVALHO dois votos para ingressar na Casa de Lucídio Freitas, embora continue do lado de fora, tinha por isso mesmo, forte razão para incluir a romancista nesta obra, pelo nobre sentimento de gratidão. Mas o fez – ela sabe muito bem disso – foi apenas por ver nela, no seu trabalho literário, a personalidade cultural acabada para figurar no mural deste livro, premiando os seus suores, no teclado da máquina de escrever ou no cabo da pena, na luta ingente de

aculturar o Piauí, de que, como muitos outros que se acham nessa obra, se fez filha adotiva (MATOS, 1974, p. 214)

O gesto de JOSIAS CARNEIRO, escrevendo a minha genealogia, arrancou de mim, pela súbita surpresa de sua iniciativa, esta confissão: “Surpreendeu-me, sobremodo, Doutor JOSIAS, o seu trabalho intitulado GENEALOGIA DE J. MIGUEL DE MATOS, cuja elaboração deve ter tomado boa parte do seu precioso tempo, fato que certamente não compensa a tarefa em torno de uma homem simples e pobre e que muito pouco representa para as letras do Piauí, onde pontificam tantos luminares, aparecendo meu nome, na comparação mais aceitável, apenas para completar a tela, como uma pincelada que um artista atira no seu trabalho para ultimar um detalhe ou para terminar a tinta do pincel. [...] TRAZENDO-O a esta obra, não podia fazê-lo por gratidão apenas, mas por dever, como um pintor que, para valorizar seu quadro, tem de colocar, forçosamente os detalhes mais importantes ou como um padre que, para rezar sua missa, tem de vestir todos os paramentos e munir-se no Livro Sagrado. Na paisagem da literatura e das Artes do Piauí, JOSIAS CARNEIRO, é esse detalhe de pintor e esse apetrecho sagrado do sacerdote: sem o detalhe não há quadro de valor; se o apetrecho sagrado não há missa bem rezada! (MATOS, 1974, p. 189)

Os perfis de Lilizinha Carvalho e Josias Carneiro demonstram a gratidão do autor. A escritora é tida como a primeira incentivadora de sua candidatura à Academia Piauiense de Letras, assumindo a função de “madrinha” do aspirante. Josias Clarence publicou em 1970, *Genealogia de J. Miguel de Matos*, obra em que debruça-se sobre as origens familiares do escritor e demonstra sua origem distinta, tendo relações familiares com os nomes consagrados da política e cultura local, possuindo inclusive, parentes próximos entre os membros do sodalício.

Chamam ainda atenção em seus textos, o uso de vocabulário pomposo, permeado de metáforas, construídas a fim de evidenciar uma suposta humildade e resignação do escritor. Ao afirmar que “todo biógrafo tem um aspecto particular a ver e revelar, com a moldagem de sua descrição, na personalidade do biografado, como um penitente que venera mais, no seu genuflexório domiciliar ou no tempo religioso que frequenta, o santo de sua maior devoção” (MATOS, 1974, p. 46), o autor evidencia como se processa sua prática escriturística, oriunda de uma seleção pessoal que atende a objetivos diversos. Por meio dessa operação, J. Miguel de Matos evidencia sua erudição, demonstra seu reconhecimento a personalidades importantes, constrói redes de sociabilidades e apresentar posicionamentos em relação ao cenário cultural piauiense.

J. Miguel de Matos escreve biografias num momento em que estas são acolhidas com desconfiança seja no meio universitário ou no meio literário. O debate em torno das escolhas narrativas, sobre a coleta e uso de fontes contribui para a aceitação do que se escreve,

interferindo na credibilidade de seu produtor. Leitor de biografias, constantemente citadas em seus textos, e também de obras que discutem o processo biográfico, J. Miguel de Matos produz uma escrita em que deseja articular o uso de fontes a uma relação de afeto entre quem escreve o objeto de sua escrita. Ao citar André Maurois como epílogo de *Abdias Neves*, publicado em 1984, deixa transparecer seu método de trabalho:

Publicar uma BIOGRAFIA, anunciá-la como biografia e não como uma novela, é anunciar fatos verídicos e um biógrafo deve ao seu leitor, em primeiro lugar, a verdade. Não há direito para se constituir um herói segundo os próprios desejos e necessidades. Não há direito de inventar conversas, incidentes, nem para omitir fatos porque irão criar situações difíceis. Porém, em certos casos – embora raros – se a eleição é feliz e bem adaptada a natureza do autor, que esta possa expressar alguns dos seus sentimentos, sem deformar os do herói (MATOS, 1984, p. 9)

Defendendo – e acreditando praticar – um modelo de escrita biográfica que articula pesquisa rigorosa, erudição e afeto, J. Miguel de Matos produz perfis biográficos diferenciados. Em seus textos são evidentes a riqueza de informações e uma escrita excessivamente elogiosa ou despreziosamente crítica. Além disso, J. Miguel de Matos destaca situações vivenciadas por seu biografado e que, segundo ele, são um ponto em comum com sua trajetória, um recurso narrativo capaz de promover associações e afetos, sobretudo se evidenciarem a origem humilde e as injustiças de que foram alvo⁴. Esta tática também é utilizada para tecer críticas a condutas que considera equivocadas. Nesse sentido, a escrita biográfica de J. Miguel de Matos, mais do que apresentar o biografado, revela um processo de construção de si, em que o “outro” é pretexto para revelar a trajetória, as redes de convívio social e os afetos do biógrafo.

A análise da escrita de biográfica produzida por J. Miguel de Matos permite-nos entender o processo de construção de si praticado por este indivíduo. Além de informações biográficas sobre os sujeitos selecionados, o biógrafo J. Miguel de Matos deixa transparecer sua própria trajetória em relatos sobre seu nascimento, origem social, formação escolar, prática profissional, manifestações públicas de reconhecimento, redes intelectuais,

⁴ Alvo da admiração de J. Miguel de Matos, o escritor Humberto de Campos frequentemente aparece em seus escritos “[...] Humberto de Campos teve, num plágio de destino, infância e adolescências muito parecidas com as minhas: eu, perdendo pai vivo aos seis anos; ele perdendo o pai morto na mesma idade; eu, amando o meu pé de umbu; ele, também, venerando o seu pé de cajueiro; eu bodegueiro-mirim, vendendo cachaça num balcão de quitanda em Teresina; ele, também na cidade de Parnaíba, vendendo cachaça num balcão de bodega; eu tentando roubar, para distrair a minha infância triste, um brinquedo qualquer; ele, humilhado, vendo lhe arrancar das mãos, depois de roubado, um brinquedo que lhe poderia dar alguns instantes de alegria [...]” (MATOS, 1969, p. 120)

articulações literárias e políticas. Sua escrita revela a trajetória de um indivíduo que interage com a sociedade e vivencia jogos de poder que produzem sensibilidades perceptíveis em seus textos.

J. Miguel de Matos assume um discurso que o situa em um lugar de fala específico, o de um sujeito que sente perseguido e injustiçado. Embora haja um silenciamento sobre sua experiência como militar, possivelmente uma tática a fim de evidenciar apenas sua atividade como escritor, o conjunto de seus textos constrói um acervo de relatos em que sua vida é significada como uma luta constante em busca de superação e reconhecimento. Nos momentos em que sua atividade de biógrafo revela os mecanismos de uma construção de si, sua subjetividade produz um sujeito que atribui sentidos à sua trajetória em que a criança pobre que cresceu sem brinquedos, o jovem perseguido por professores e o adulto a quem a Academia Piauiense de Letras é um sonho distante são uma continuidade. Essa “ilusão biográfica” em J. Miguel de Matos é impregnada de sentidos políticos, sendo a escrita o instrumento com o qual o indivíduo ataca e se defende, se constrói e se reinventa.

O efeito prático de sua escrita é construir uma memória de si por meio de seus textos. Sua produção escriturística nos permitir configurar os lugares sociais de onde emerge o seu discurso, o acesso às tramas pelas das quais se construíram suas representações de mundo e como se forjou sua identidade. Sobre as possibilidades dos usos políticos da memória como fonte histórica, Jacy Seixas nos chama atenção para o fato de que

A memória age “tecendo” fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando alguns mais densos em relação aos outros), mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como “realmente” aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido “ao mesmo tempo no passado e no presente” – a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória (SEIXAS, 2004, p. 51).

Analisado à contrapelo, o corpus escriturístico de J. Miguel de Matos é um vestígio das várias fases de sua vida, dessa escrita emerge um indivíduo que possui expectativas, dúvidas, projetos, amizades, desafetos e arrependimentos. A escrita biográfica de J. Miguel de Matos pode ser entendida como um lugar de memória, pois à medida que seus textos são escritos e publicados, cristalizam-se não como verdade mas como uma atribuição de sentido a experiências historicamente datadas. Longe de serem conclusões, seus escritos são fragmentos de si, lugares de memória entendidos por Pierre Nora como espaços “que só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (NORA, 1993, p. 22).

As produções biográficas de J. Miguel de Matos tomadas como construções autorreferenciais ou memórias de si nos apresentam um indivíduo que, por meio da escrita, tentou barrar o esquecimento em torno da trajetória dos indivíduos por ele biografados e deixar vestígios sua própria experiência, atribuindo sentidos que dialogam com as experiências e posicionamentos de seus contemporâneos, em especial, o lugar atribuído à escrita e ao escritor, bem como os significados do pertencimento a instituições culturais.

Referências

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. O significado das pequenas coisas: história, prosopografia e biografemas. In: AVELAR, Alexandre de Sá, SCHMIDT, Benito Bisso (org). **Grafia da Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita Biográfica, Escrita da História: das possibilidades de sentido. In: AVELAR, Alexandre de Sá, SCHMIDT, Benito Bisso (org). **Grafia da Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1987.
- MATOS, J. Miguel de. **Abdias Neves**. Teresina: EDUFPI, 1984.
- MATOS, J. Miguel. **Garimpagem**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.
- MATOS, J. Miguel de Matos. **Pisando Meus Caminhos**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969.
- MATOS, J. Miguel de. **Caminheiros da Sensibilidade**. Teresina: Edições Fontes, 1966.
- MATOS, J. Miguel de. **Perfis**. Teresina: COMEPI, 1974.
- NORA, Pierre. Entre Memória e Maistória: a problemática dos lugares. **Projeto história**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.
- POLLACK, Michel. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de Memória em Terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella, NAXARA, Márcia (org). **Memória e (res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

Recebido em 23 de setembro de 2019

Aprovado em 09 de janeiro de 2020